

AS REPRESENTAÇÕES PSICOSOCIAIS DA MULHER NEGRA NO BRASIL

LUZIA, A. T.¹

BOLONHEZI, C. S. S.²

RESUMO

Este artigo retrata a invisibilidade com a qual a mulher negra é representada na sociedade desde a escravidão. Ele discute a violência que ela enfrentou e que vem enfrentando no decorrer dos séculos, demonstra a posição de outridade que ela ocupa e os impactos sociais e psíquicos que esse movimento nela causa. Traz também algumas soluções cabíveis e já existentes no contexto psicológico, religioso e da saúde. Objetiva-se através destas auxiliar em uma nova construção identitária para esta negritude feminina outrora apagada pelo racismo, machismo e sexismo, trazendo visibilidade, voz e acolhimento para esta menina negra interior ferida e marcada por uma sociedade escravocrata.

PALAVRAS-CHAVE: racismo, sexismo, saúde mental.

ABSTRACT

This article portrays the invisibility with which the black women have been represented in society since slavery. It discusses the violence that they faced and that they have been facing over the centuries, demonstrates the position of otherness that she occupies and the social and psychic impacts that this movement causes in them. It also brings some appropriate and existing solutions in the psychological, religious and health context. The objective is through these to assist in a new identity construction for these females blackness once erased by racism, and sexism, bringing visibility, voice and reception to this inner black girl wounded and marked by a slave society.

KEYWORDS: racism, sexism, mental health.

INTRODUÇÃO

Negritude segundo Munanga (2015), é o conjunto dos povos que foram vítimas do homem branco ocidental e unidos construíram sua identidade, cultura e história. A mulher encontra-se num local de negação da alteridade e inferioridade, pois faz parte da sociedade masculina, que a subjuga e determina seus papéis.

A mulher negra, duplamente inferiorizada, por não ser nem homem e nem branca, é representada de diversas maneiras na sociedade, que não representam

¹ANA TEREZA LUZIA, Graduanda do Curso de Psicologia da Faculdade de Apucarana-FAP, Apucarana-PR, 2022 Contato: anaterzaluzia@gmail.com

²CAMILLA S. S. BOLONHEZI, Orientadora de pesquisa, Docente do Curso de Psicologia da Faculdade de Apucarana-FAP, Apucarana-PR 2022

fidedignamente a realidade. Pedroza (2020) retrata que historicamente as pessoas negras tiveram o direito de conhecer sua ancestralidade anulada, fazendo com que não formassem uma identidade saudável.

A mulher negra, de acordo com Davis (2016) por sua vez, foi colocada na base da pirâmide social, tendo sua identidade e subjetividade atravessadas pelo racismo e machismo. Retirar-se desse lugar de dupla opressão requer uma rebuscada reconstrução identitária de gênero e raça, para que seja possível a existência dessa mulher, enquanto ser, afirmando sua pluralidade. Isso não é possível sem a manutenção da saúde mental, visando reforçamento da autoestima, amor próprio, autocuidado, através de uma conexão saudável consigo mesma.

Dada a construção social da mulher enquanto inferior ao homem, ocupando locais de subalternidade, e por sua vez, da mulher negra, que além disto perpassa também pela estrutura do racismo, ocupando a base da pirâmide social, a presente pesquisa objetiva trazer clareza sobre como se dá a representação da mulher negra na sociedade, desmitificar essa representação, assim como demonstrar como a mulher negra se vê, causando consequentemente, identificação, manutenção da saúde mental e propiciando uma vivência saudável. Segundo Pedroza (2021), essa pesquisa no âmbito psicológico “contribuirá para a eliminação de quaisquer formas de negligência, discriminação, exploração, violência, crueldade e opressão.”

OBJETIVO GERAL

Romper com a invisibilidade da luta da mulher negra, compreender como ela é representada psicossocialmente no imaginário coletivo, promovendo assim identificação na população negra brasileira.

METODOLOGIA

A presente pesquisa é de natureza bibliográfica, que segundo Macedo (1994) é a primeira etapa em uma pesquisa, que tem como método revisar a literatura, como textos, discursos, entrevistas, trechos de livros, reportagens etc. , relacionada ao tema escolhido sem reproduzi-lo de forma copiosa. Exige uma leitura atenta que possibilita alcançar às informações realmente pertinentes conforme salientam Pozzebon & Freitas, (1996) Lesca, Freitas & Cunha, (1996). Sua natureza é também qualitativa, seu caráter é descritivo, delimitando-se aos materiais mais atuais, com base nos últimos trinta anos. Sites como Pepsic, Docero, Scielo, foram utilizados como fontes

de pesquisa virtual, tendo ênfase nos assuntos: mulher negra, racismo, saúde mental da mulher negra, sexismo e machismo.

RESULTADOS

A negritude segundo Munanga (2015) representa a história comum entre todos os grupos humanos que o homem branco ocidental considerou negro. Não apenas do ponto de vista, cor de pele, mas na forma como esses povos foram apagados culturalmente, citando o homem preto, que foi tido como ancestral do macaco. O termo seria uma forma de afirmação e construção de uma solidariedade entre estas vítimas. A população negra brasileira constituiu sua memória social, histórica e cultural, e a ideia de pertencer a esta população, segundo Munanga (2015) faz parte do imaginário pessoal e coletivo. Nkweto Simmonds (1997) relata:

[...] Discursos acadêmicos sobre o social construíram a negritude como a/o 'Outra/o' inferior, de modo que, mesmo ao ser nomeada, a negritude contém um problema de relacionalidade com a branquitude. [...] Neste mundo branco eu sou um peixe de água doce nadando na água do mar. Eu sinto o peso da água... no meu corpo".(NKWETO SIMMONDS,1997 p.64)

Kilomba (2012, p.38) diz que “nos tornamos a representação mental daquilo com o que o sujeito branco não quer se parecer.” Essas fantasias brancas são aquilo que eles desejam que seja a negritude, mas não necessariamente precisam reverberar na mente da pessoa negra. Não se refere a realidade, mas sim a uma fantasia desse sujeito que coloca o negro, no lugar de Outro, não como outro sujeito, mas como uma ideia, uma representação imaginária.

Essa fantasia do sujeito branco, causa uma série de gatilhos na mente da pessoa negra. Grande é o trauma vivido pela pessoa negra quando colocada nesse lugar de, como nomeia Kilomba (2012), outridade, pois não é sujeito, não é um ser, é apenas o outro, violentado diariamente pelo racismo, levando no corpo e na mente as marcas dessa violência traumática, este constante inferno.

Tendo em vista que a sociedade foi construída por homens, e que eles definem como regem-na. A mulher, sendo parte desta, fica à mercê da visão do homem para então descobrir seu lugar no contexto social e todos os demais contextos a estes atrelados.

A humanidade é masculina e o homem define a mulher não em si mas relativamente a ele; ela não é considerada um ser autônomo [...]

determina-se e diferencia-se em relação ao homem e não este em relação a ela; a fêmea é o inessencial perante o essencial. O homem é o Sujeito, o Absoluto; ela é o Outro. (BEAUVIOR, 1980,p.11)

Pedroza (2021) salienta que não é fácil falar sobre a mulher negra. Por que elas não são todas iguais, mas integram uma pluralidade. “[...]a vivência de mulheres negras em um país racista, sexista e machista torna a vida dessas mulheres mais vulnerável.” No imaginário coletivo a mulher negra é definida como um padrão, e não se considera a individualidade de cada uma das mulheres negras. A sociedade as vê como mulheres fortes, mas fingem não enxergar que essa força não é uma escolha, mas sim uma imposição social e cultural, feita sobre essa mulher, que é mãe, dona de casa e ainda trabalha fora, quase sempre em trabalhos braçais e posições subalternas.

Em meio a desumanização do período escravocrata e do seu pós abolição, ainda nos dias de hoje a mulher negra luta para manter sua saúde mental, pois a todo tempo a sociedade a aprisiona neste lugar de não sujeito, de outridade, fazendo com que a mesma, segundo Pedroza (2021), não se sinta parte, não sinta que pertence ou que merece algo ou amor.

Segundo Davis (2016), a mulher negra está na base da pirâmide social, enquanto o homem branco ocupa o topo. Desvencilhar-se desta dupla opressão é um processo longo e árduo, na tentativa de existir e não somente resistir. Pedroza (2021) acredita que a mulher negra pode se curar através do afeto. Sentindo-se amada, parte, conectada. Ela pode buscar essa cura através da religião, da psicoterapia, de movimentos sociais, na família, ou até mesmo em terapias alternativas, contribuindo na reconstrução dessa imagem social racista que impregnou em suas mentes que elas não podem ser, ou conquistar.

CONCLUSÃO

Através do presente trabalho conclui-se que as representações psíquicas e sociais da mulher negra no Brasil, atravessam-na, impossibilitando-a de ascender nesse cenário social e cultural, de avançar em busca de um lugar que ela possa chamar de seu, ainda que em contrapartida estejam os movimentos negros e feministas lutando para que esse local inexistente se torne real. O local onde a mulher

preta pode ser, ter, fazer, amar, ser amada, sem precisar recorrer a um outro que a autorize.

A Psicologia, juntamente com a Assistência Social, e algumas políticas públicas trabalham nesse construto da identidade preta feminina, enquanto um ser amante e amável, não apenas um corpo de pele negra, mas uma pessoa, dotada de identidade, subjetividade, ocupando o local de pluralidade. Pois a mulher preta não se define em uma só, mas várias, uma diferente da outra

REFERÊNCIAS

BEAUVOIR, S. **O Segundo Sexo – a experiência vivida**; tradução de Sérgio Millet. 4 ed. São Paulo: Difusão Européia do Livro, 1980

DAVIS, Angela **Mulheres, Raça e Classe**; trad. Heci Regina Candiani (São Paulo: Boitempo, 2016)

GOUVEIA, M. ZANELLO, V. Psicoterapia, raça e racismo no contexto brasileiro: experiências e percepções de mulheres negras **Art Psicol. Estud.** 2019 Disponível em : <https://doi.org/10.4025/psicolestud.v24i0.42738> Acesso em: 25 jul 2022

KILOMBA, Grada **Plantation memories: episodes of everyday racism** (Munster: Unrast, 2012)

LESCA, H.; FREITAS, H.; CUNHA Jr., M. Instrumentalizando a decisão gerencial. **Revista Decidir**; ano III, n.25, p.6-14, ago. 1996

MACEDO, N. D. **Iniciação à pesquisa bibliográfica: guia do estudante para a fundamentação do trabalho de pesquisa**. São Paulo, SP: Edições Loyola, 1994.

MUNANGA, Kabengele **Negritude Usos e sentidos** Belo Horizonte: Autêntica, 2015.

NKWETO SIMMONDS, F. **My Body, myself: How does a Black woman do sociology ?** , in Heidi Safia Mirza (ed .). **Black British Feminism. A Reader**. London : Routledge, 1997

PEDROZA, F. A., **Mulheres negras: por que resistir quando deveriam existir?** Revista Contato, Edição 126, Conselho Regional de Psicologia do Paraná, 2021 Disponível em: <https://crppr.org.br/revista-contato/revista-contato-126/> Acesso em: 10 abr 2022

POZZEBON, M. & FREITAS, H. Construindo um E.I.S. (Enterprise Information System) da (e para a) empresa. **Revista de Administração** da USP, v.31, n.4, p.19-30, out./dez. 1996.